



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CAMPUS III
CENTRO HUMANIDADES "OSMAR DE AQUINO"
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/ INGLÊS**

MARIA DA LUZ EMANUELY DO NASCIMENTO LOURENÇO

***O SOL NEM SEMPRE É PARA TODOS: PRECONCEITO E
SEGREGAÇÃO RACIAL NA TRAMA CINEMATOGRAFICA***

GUARABIRA-PB

2019

MARIA DA LUZ EMANUELY DO NASCIMENTO LOURENÇO

***O SOL NEM SEMPRE É PARA TODOS: PRECONCEITO E
SEGREGAÇÃO RACIAL NA TRAMA CINEMATOGRAFICA***

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em Letras.

Área de concentração: Cinema.

Orientador: Prof^a. M^a. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos.

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L564s Lourenço, Maria da Luz Emanuely do Nascimento.
O sol nem sempre é para todos [manuscrito] : preconceito e segregação racial na trama cinematográfica / Maria da Luz Emanuely do Nascimento Lourenco. - 2019.
22 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2021.
"Orientação : Profa. Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos , Departamento de Letras - CH."
1. O Sol é Para Todos. 2. Preconceito. 3. Cinema. I. Título
21. ed. CDD 791.437

MARIA DA LUZ EMANUELY DO NASCIMENTO LOURENÇO

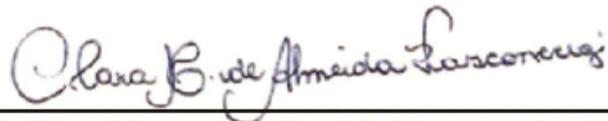
**O SOL NEM SEMPRE É PARA TODOS: PRECONCEITO E
SEGREGAÇÃO RACIAL NA TRAMA CINEMATOGRAFICA**

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras.

Área de concentração: Literatura comparada.

Aprovada em: 06 /12 /2019.

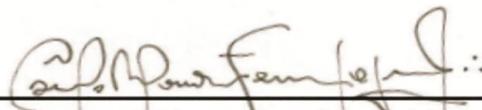
BANCA EXAMINADORA



Prof. M^a. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Rafael Francisco Braz
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Inicialmente a Deus, por estar sempre ao meu lado e me dar saúde e muita força para enfrentar todas as dificuldades e concluir esta etapa em minha vida. Por esses cinco anos, com muitas experiências adquiridas, aprendizados e significativas superações.

Agradeço ao meu esposo por sua paciência, motivação e disposição solidária em vários momentos, sempre me dando apoio.

Minha irmã Daniele, pelos momentos de alegrias e lutas que passamos juntas e superamos.

A Senhora Dona Maria Vieira, pela sua grande colaboração.

Agradeço a companhia da minha amiga Cassiana Rosa, pelo apoio e motivação no período que estudamos juntas.

À orientadora e Professora e Mestre Clara Mayara, gratidão pelas oportunidades proporcionadas, dedicação, ensinamentos e disposição.

A todos os meus professores do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba.

Não posso deixar de agradecer a companhia e carinho do meu dog Erus.

Por fim, aos meus familiares e a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, seja de forma direta ou indireta, fica aqui, o meu muito obrigado.

Deus significa amar aos outros como a
gente ama a gente
(Harper Lee)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Atticus conversando com seus filhos	18
Figura 2 Momento em que Scout sofre perseguição no pátio da escola	21
Figura 3 Scoutt conversando com um dos líderes fora da delegacia	22
Figura 4 Representação das crianças dividindo os lugares com os negros	23
Figura 5 A reação da vítima Mayella Ewell no momento da defesa	24
Figura 6 Momento em que Tom Robinson o negro acusado vai depor	26

SUMÁRIO

RESUMO	9
ABSTRACT	9
1 INTRODUÇÃO	10
2 O SOL É PARA TODOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	11
3 O RACISMO NOS ESTADOS UNIDOS: UM BREVE PERCURSO	14
4 O PRECONCEITO RACIAL: UMA LEITURA DO FILME	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27

O SOL NEM SEMPRE É PARA TODOS: PRECONCEITO E SEGREGAÇÃO RACIAL NA TRAMA CINEMATOGRAFICA

Maria da Luz Emanuely do Nascimento Lourenço¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar a representação do preconceito racial no final do século XIX e a importância de diversos movimentos abolicionistas a partir de uma reflexão sobre a narrativa cinematográfica *O Sol é para Todos*, de 1962, um filme norte-americano com a direção de Robert Mulligan, roteiro de Horton Foote, do gênero drama, baseado no livro da escritora Harper Lee que lhe é homônimo. O filme apresenta o preconceito presente na época de 1930, momento em que o país passava por uma grande depressão que teve fim com a segunda guerra mundial. Por meio da história da família Fich, analisaremos a representação do preconceito racial da sociedade norte-americana a partir da perseguição sofrida pela família e o réu, Tom Robinson. Para o desenvolvimento desta pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico e documental, utilizamos as contribuições de Ferreira (2009), Feitosa e Siqueira (2014), Kirchberger (1991) e Santana (2017), entre outros. Os resultados aos quais chegamos, apontam para o fato de o preconceito e discriminação raciais serem práticas utilizadas para subjugar pessoas, as quais resultam na sonegação dos direitos das pessoas perseguidas. Para tanto, é necessário que essas práticas sejam combatidas veementemente.

Palavra-chave: O Sol é Para Todos. Preconceito. Cinema

ABSTRACT

The aim of this paper is to present the representation of racial prejudice in the late nineteenth century and the importance of various abolitionist movements from a reflection on the 1962 cinematic narrative *The Sun is for All*, an American film directed by Robert Mulligan, Horton Foote's screenplay of the drama genre, based on the book by the writer Harper Lee. The film presents the prejudice present in the 1930s, when the country was going through a great depression that ended with the Second World War. Through the history of the Fich family, we will analyze the representation of racial prejudice in American society from the persecution suffered by the family and the defendant, Tom Robinson. For the development of this qualitative research, bibliographical and documentary, we used the contributions of Ferreira (2009), Feitosa and Siqueira (2014), Kirchberger (1991) and Santana (2017), among others. The results we reach point to the fact that racial prejudice and discrimination are practices used to subjugate people, which result in the evasion of the rights of persecuted people. For this, it is necessary that these practices be vigorously countered.

¹ Aluna do Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, com habilitação em Língua Inglesa.
E-mail: manuh.lou@outlook.com

Keyword: To Kill a Mockingbird. Prejudice. Cinema

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade contemporânea, porém arcaica com seus preconceitos expressos muitas vezes pela incompreensão, a falta de respeito e desigualdades no geral para com o próximo simplesmente pela cor da pele. Isto desfavorece e até mesmo priva esse grupo social de possuir direitos e deveres. Esse mal perdura há vários séculos, mesmo o ser humano já tendo passado por diversos estágios de desenvolvimento da sociedade.

Objetiva-se compreender como a obra representa o cenário de perseguição a pessoas negras na sociedade dos Estados Unidos, o que leva não apenas à segregação de pessoas negras, mas também de quem as defende, fazendo uma reflexão sobre o não reconhecimento da imagem do outro como ser humano por meio de práticas discriminatórias ainda presentes na sociedade.

Através de reflexões trazidas na análise, investigar-se-ão elementos apresentados nas várias formas de preconceito encontradas na produção cinematográfica *O sol é para todos* baseada na obra da escritora Harper Lee, mostrando a história narrada por uma menina chamada Scout de apenas seis anos de idade e a realidade da família Fich. A narrativa é ambientada no início de 1932 no Alabama e apresenta a luta de um advogado ao defender um negro acusado de agressão e estupro por uma moça branca – acusação de um crime bárbaro que deixou toda a cidade conturbada.

A proposta desse trabalho é compreender como o preconceito racial e injustiças são representados na obra cinematográfica *O sol é para todos*. No segundo tópico deste trabalho, discutiremos acerca do lugar do negro no final do século XIX e como reverberou no século seguinte, em um breve percurso marcado pela concepção de superioridade que os brancos tinham e as práticas de discriminação, submissão, opressão e distinções graves sobre pessoa negras e pobres para manter vantagens.

Procuraremos descrever a importância de alguns abolicionistas que lutaram na tentativa de constituir uma única visão sobre a condição negra, lutando para que seus direitos e deveres fossem reconhecidos, com o efeito de diversos movimentos

sociais onde muitos líderes negros participaram e mobilizaram-se pela luta dos direitos civis.

Desse modo, serão apresentadas as informações do processo histórico sobre o preconceito racial e a análise do filme que denuncia as atrocidades de uma sociedade com concepções morais pautadas no preconceito racial. Por fim, nas considerações finais serão abordadas algumas reflexões construídas como resultados mais significativos desta pesquisa. Para tanto, utilizamos as considerações de Ferreira (2009), Feitosa e Siqueira (2014), Kirchberger (1991) e Santana (2017), entre outros.

2 O SOL É PARA TODOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Nelle Harper Lee nasceu no município de Monroeville no estado do Alabama em 28 de Abril de 1926 e neste lugar viveu toda a sua infância e adolescência. Na Universidade do Alabama, Lee cursou direito apenas para agradar ao pai Amasa Coleman Lee, um advogado eminente da época e assim como a sua irmã Alice Lee que estava à frente do escritório de advocacia da família. O pai a esperava vê-la advogada também, mas Lee adorava o mundo da literatura e isso a levou para outros caminhos mais tarde.

Lee escreveu artigos para revistas e jornais no campus onde estudava, na Universidade de Oxford onde passou um ano, tornando-se logo mais editora-chefe. Aos 23 anos decidiu viver no estado de Nova York nos EUA desistindo após o primeiro semestre do curso que o pai sonhara para ela. Na nova cidade, Lee alugou um pequeno apartamento e começou a trabalhar como agente de passagens na Eastern Airlines e na British Overseas Corp. por vários anos.

Harper Lee não tinha muitos amigos, pois passava noites escrevendo; segundo o relato de uma de suas vizinhas, Lee era solitária e individualista. Depois de algum tempo fez amizade com o casal Michael Martin Brow, um musicista e letrista da Broadway, e sua esposa Joy Brow. Lee então deixou o emprego de agente e dedicou totalmente ao seu ofício com a ajuda dos Brow, começou a escrever pequenas antologias de contos e um manuscrito que depois de serem entregues a Maurice Craig, um editor da Lippincott Company uma editora da

Filadélfia fundada desde 1836, o manuscrito foi entregue a Tay Hoholf um editor da mesma companhia. Os dois se interessaram pelo texto e pedem que ela o aprimore. Em 1960 é lançado o romance *O sol é para todos*, a sua única obra publicada em vida. Em 1961 ganhou o primeiro prêmio Pulitzer de maior honraria dos Estados Unidos para a literatura e jornalismo, o que trouxe seu reconhecimento mundial. A adaptação do romance para o cinema teve oito indicações ao Oscar, cinco para o Globo de Ouro e garantiu três premiações de ambos e participou de várias premiações e festivais da época. O livro tornou-se um dos maiores clássicos americanos considerado um Best-Seller.

Durante toda sua vida Nelle Harper Lee publicou dois livros: *To Kill a Mockingbird – O sol é Para Todos* – em 1960, e *Go Set a Watchman* em 2015. Além de publicações em revistas, tais como *Love- in Other*, em 1961; *Vougue, Christmas to me*, em 1961- *Mccalls*; *When Children Discover American*, 1965 - *Mccalls*. A sua primeira obra segue entre as mais importantes da literatura americana, tendo sido traduzida para mais de 40 idiomas e que recentemente recebeu uma nova tradução pela escritora Beatriz Horta, na editora José Olympo.

Além de inspirar muitos ativistas na luta contra a segregação racial nos Estados Unidos – um deles Marthin Luther King um ativista dentro do movimento negro que lutava pela igualdade civil entre negros e brancos – a obra discute acerca do preconceito no sul e, sobretudo, é uma história que nos faz refletir com a tentativa de sentir o que a outra pessoa sente, se colocando no lugar do próximo e de tentar entender os sentimentos e emoções.

Abordou diversos temas e questões muito importantes da sociedade na época, alimentando debates e críticas para os norte-americanos não só sobre o preconceito de alguns personagens, mas também sobre o fingimento de uma sociedade moralista, hipócrita, injusta em muitos casos sendo incapaz de perceber a humanidade.

O sol é para todos é um dos livros mais escolhidos pela biblioteca de *Library Journal*² sendo o melhor romance do século XX, e um dos 100 melhores romances em língua inglesa desde 1900 em uma lista feita por bibliotecários em 2006, pois é

²Informações disponíveis em: <pausaparaumcafe.com.br/o-sol-e-para-todos-o-classico-de-harper-lee/>. Acesso em 01 de outubro de 2019.

considerado um dos livros que todos deveriam ler antes de morrer, seguido da bíblia, avaliado como um clássico moderno que continua emocionando leitores.

A importância do romance de Lee reverbera em outras artes, fato que pode ser observado na adaptação para o cinema feita pelo diretor Robert Mulligan, com roteiro de Horton Footon e lançado em 11 de fevereiro de 1963. O elenco é composto por: Gregory Peck, John Megna, Frank Overton e Rosemary Murphy. Na época, o país passava por uma grande depressão que iniciou em 1929 e teve fim com a segunda guerra mundial afetando o sistema capitalista, aumentando o desemprego, a fome e prejudicando as atividades econômicas em diversos países.

O filme narra a história da família Fich por uma menina chamada Scout de apenas seis anos de idade, irmã mais nova de Jem; os dois são filhos de Atticus, um advogado íntegro e respeitado na cidade de Maycomb, pequeno município do Alabama. Ambientada no início de 1932, é a partir do ponto de vista dela que conhecemos a fictícia Maycomb, um lugarzinho pequeno e pacato.

Scout é uma garotinha esperta, curiosa e sensível que percebe muitas coisas a sua volta. Ela é cuidada por uma babá negra chamada de Calpúnia, pois a sua mãe morreu quando ela era ainda um bebê. A sua infância é dividida entre a escola e as fantasias ocorridas na vizinhança. No verão os irmãos brincavam com o sobrinho de uma vizinha, chamado Dill Harris que morava em Meridian, mas passava as suas férias em Maycom, ele era fascinado pela residência dos Radley. Eles achavam que lá morava um fantasma.

Nesse período Scout e Jem contavam tudo o que acontecia na vizinhança para o amigo, da maldição da casa dos Radley e do fantasma do mal que morava lá, ele sempre era o culpado por tudo de estranho e ruim que acontecia na cidade, embora o verdadeiro criminoso fosse o Addie maluco, um homem que morreu afogado em um rio depois das desordens feitas na cidade; falava também de uma velha chata, a senhora Dubose que reclamava de tudo; e Artur mais conhecido com Boo, que era filho dos Radley, tido como um louco pela vizinhança por viver trancado em casa, porque diziam que ele era do mal e todas as crianças morriam de medo dele, mas, ao mesmo tempo, queriam saber como de fato ele era.

Porém algo deixa a pequena Maycomb bastante assustada com o caso do senhor Tom Robinson, um negro que foi acusado de agressão e estupro por uma moça branca chamada Mayelle Ewill. Atticus, como único advogado da cidade, é

convocado em defesa de Tom, e sofre várias ameaças pelo pai da moça, colocando em risco a sua vida e a de sua família.

Mas, diante de tantas dificuldades e transformações, é por meio de Scout e Atticus, que todos que assistem ao filme com certeza guardarão muitos ensinamentos sobre empatia, tolerância e a necessidade de estar aberto a muitas questões e novas perspectivas.

3 O RACISMO NOS ESTADOS UNIDOS: UM BREVE PERCURSO

O racismo nos Estados Unidos começou há muitos anos atrás com a chegada dos primeiros europeus ao continente. Neste lugar habitavam uma grande quantidade de povos nativos americanos, eram caçadores e coletores viviam de modo simples o que gerou muitos conflitos na época colonial com os novos habitantes europeus.

Entre os anos de 1861 e 1865 sucedeu uma grande guerra entre os estados do sul confederados e os estados do norte união, mais conhecida como a guerra de secessão. Os nortistas apresentavam suas economias mais evoluídas com as usinas, ao contrário dos sulistas que viviam da agricultura, plantio de algodão e do trabalho escravo qual também geravam lucros; com essas divergências ocorreu o conflito entre as duas regiões, uma vez que os estados do norte queriam a sua independência da metrópole, enquanto os sulistas prezavam pela conservação do vínculo. Com a eleição de Abraham Lincoln, um candidato abolicionista que defendia que era impossível ser um Estado de Direito, mantendo o escravagismo, os estados do Sul determinaram formar uma Confederação e desmembrar-se da União. Conforme aponta Kirchberger (1991 apud SANTANA, 2017, p.10):

A guerra civil americana foi o primeiro passo para abolição do sistema escravocrata norte americano, quando os estados do Norte- estados principalmente industriais que tinham como mão de obra livre, contrário à escravidão por acreditarem que a mesma impedia que os EUA crescesse – e os estados do Sul – estados que tinham sua economia baseada principalmente em plantations de algodão e usavam de mão da obra escrava em suas fazendas – entraram em uma guerra civil após a eleição de Abraham Lincoln.

Depois da guerra, o modo de produção pautado na escravidão nos estados Sul foi abolido e muitos negros africanos se tornaram livres, imigraram para o norte em busca de sua liberdade e uma vida nova longe da escravidão. A guerra teve fim, mas o preconceito não. No Sul, com a permanência de alguns negros que optaram

viver lá e passaram a competir com os brancos por empregos e direitos iguais, resultou em uma revolta por parte da classe branca, pois eles não queriam dividir os mesmos direitos com os negros libertados, os quais foram marginalizados pela parcela branca da sociedade.

O racismo continuou sendo motivo de muita discussão e conflitos em meados do século XX, pois a defesa de brancos contra negros era assegurada; uma vez que em uma concepção eugênica e racista, os negros eram seres não civilizados e inferiores, fato que deu início a grupos terroristas e seitas religiosas para maltratar e perseguir os negros, uma delas foi o Ku Klux Klan. Uma das maiores organizações criadas no século XIX pela supremacia branca para promover atos de violência e perseguir negros libertos e pessoas que apoiavam e defendiam a igualdade de direitos para afrodescendentes nos EUA. Alguns dos seus principais símbolos que a tornaram conhecida ao longo do tempo é a utilização de roupa branca macabra e máscaras para esconder seus rostos para amedrontar, perseguir, espancar e assassinar suas vítimas.

Essa era comandada por Nathan Bedford Forreste, um comerciante branco e dono de escravos da região sul que reagiu às medidas defendidas pelos políticos do norte de ampliar os direitos civis e políticos aos negros. Com a segregação racial, os negros não podiam visitar estabelecimentos públicos, praças, escolas, transportes e templos religiosos. Pelas grandes opressão e perseguição que eles sofriam, se fossem pegos nesses estabelecimentos, eram espancados e assassinados brutalmente.

Com as leis de Jim Crow promulgadas nos EUA, as quais aprofundavam a segregação racial, surgiu com uma norma para garantir a segregação entre brancos e negros, exigindo acomodações separadas entre as raças especialmente em escolas e na maioria dos locais públicos tais como em estações de trem, em que os afrodescendentes tinham que ceder o lugar aos brancos. Em empresas na Carolina do Sul, por exemplo, negros e brancos não podiam trabalhar na mesma sala, entrar pela mesma porta ou olhar na mesma direção.

Nesse contexto marcado pela marginalização e exclusão de sujeitos sociais que não se enquadravam no padrão da *white middle-class* norte-americana, muitas empresas não contratavam negros, muitos sindicatos aprovaram regras para excluí-los; os negros não podiam sair de casa depois das vinte e duas horas; placas pairavam por toda cidade em portas, janelas, tetos e bebedouros; vários âmbitos da

sociedade eram divididos, como parques para negros e brancos; estudantes também eram divididos de acordo com a cor de sua pele e tiveram que usar conjuntos separados de livros didáticos. Enfim, eram tempos livres, mas ao mesmo tempo o cenário era bem parecido com o sistema de apartheid na África do Sul, porém as leis de Jim Crow não foram responsáveis por toda a discriminação sofrida pelos negros. Observa-se que:

A luta dos negros pela valorização da identidade, historicamente, foi marcada por muitos conflitos implicando principalmente na avaliação negativa que os brancos haviam submetido sobre eles, 'o que reforça o eurocentrismo, o desejo de *identificação* com o branco, e acima de tudo, o maniqueísmo do branco vs. negro que metaforiza, respectivamente, o bem vs. Mal' (FERREIRA 2009, p.57 apud FEITOSA; SIQUEIRA, 2014, p.4)

As considerações feitas por Ferreira (2009) descrevem as características das relações estabelecidas pelos brancos em relação aos negros, o que demonstra o pensamento eurocêntrico como elemento basilar do preconceito promovido. Um fato que demonstra essas relações é o que pode ser observado durante a Primeira Guerra Mundial, em que vários homens negros serviram ao país, mostrando a sua lealdade e honrando o país, contudo, foram soldados totalmente ignorados por companheiros brancos por serem de cor.

Na tentativa de terem os seus direitos reconhecidos, muitos líderes negros participaram de movimentos pela luta e direitos civis. Entre eles, destaca-se Frederick Douglass, que se tornou um líder do movimento para abolir a escravidão, Douglass foi convidado a descrever as suas experiências como escravo. Seu discurso emocionante marcou o início da carreira de abolicionista. Naquele era ilegal ensinar os escravos as primeiras letras, as com 12 anos ele aprendeu a ler e em segredo passou o conhecimento para outros escravos. Começou a participar de encontros que combatiam pela a liberdade dos negros ao norte. Já na guerra civil dedicava e apoiava o voto feminino.

Ao longo da história de lutas por direitos, outro nome que se destaca é o de Martin Luther King, o mais jovem negro a participar e defender os direitos civis dos afro-americanos na época, era bom em lideranças e por isso em meados dos anos 60 Ganhou o Prêmio Nobel da Paz. King realizou o seu discurso mais famoso, "*I have a dream*", que marcou um dos principais momentos da luta na cidade de Washington por uma sociedade onde todos fossem iguais.

Por sua vez, Rosa Parks foi uma mulher negra que entrou para a história americana no ativismo negro. No dia primeiro de dezembro de 1955, foi presa e multada na quantia de 14 dólares por não ceder assento em um ônibus a um homem branco, isso gerou um boicote aos ônibus da cidade, pondo um fim a segregação dos transportes públicos dos Estados Unidos, algo que ficou na história por ter causado uma grande revolta na classe de cor.

Amelia Boynton Robinson foi uma importante ativista dos direitos civis, sendo a primeira figura feminina negra norte-americana a concorrer a um cargo eletivo no estado do Alabama, além de ter ajudado a organizar a abortada marcha de Selma para Montgomery, também esteve presente em diversas marchas em que protestava junto com uma multidão por direito ao voto.

Porém, a criação de mecanismos garantidores da igualdade de oportunidades entre negros e brancos nos Estados Unidos só aconteceu no início da década de 1960 quando, em 1961, através da Ordem Executiva n. 10.925, o Presidente John Kennedy defendeu a promoção da igualdade entre brancos e negros e o combate à discriminação dos negros como meio de a sociedade norte-americana caminhar rumo à justiça (MACÊDO; PAN; ADORNO, 2012, p. 373).

A segregação racial só foi abolida, constitucionalmente, em 1964 pelo presidente Lyndon B. Johnson que radicalizou o país ao assinar uma lei na reforma constitucional que dava direitos, paz e justiça social a todos os americanos pobres.

O Presidente Lyndon B. Johnson, em 1965, através da Ordem Executiva 11.246, criou e orientou as primeiras políticas de Ações Afirmativas (AA), “e as legislações subsequentes, tanto para aplicação junto aos órgãos públicos quanto para todas as organizações privadas que negociavam contratos com o governo” (SILVÉRIO, 2005, p.145 apud MACÊDO; PAN; ADORNO, 2012, p. 373).

O preconceito ainda é muito vivo na sociedade atual e pode ser comparado a uma doença que não tem cura. Embora haja esse pensamento, precisamos acordar; a sociedade precisa ter um olhar mais humano e pensar na igualdade, no amor, na fraternidade e no respeito ao próximo só assim existirá paz no mundo.

Aprendemos a voar como os pássaros, a nadar como os peixes; mas não aprendemos a singela arte de viver como irmãos. Martín Luther King Jr.

4 O PRECONCEITO RACIAL: UMA LEITURA DO FILME

O filme *O sol é para todos* narra a história uma menina de 6 anos chamada Scout Fich, o seu irmão mais velho Jem Fich e o pai Atticus Fich um advogado

muito respeitado da cidade de Maycomb; Alabama – Uma cidade fictícia, esta que é marcada por muito preconceito e segregação racial.

Depois que a mãe de Jem e Scout faleceu o pai cuida das crianças com a ajuda de uma governanta negra Calpurnia em um período da grande depressão econômica nos Estados Unidos, a pequena população de Maycomb enfrentava momentos difíceis com a fome, pobreza e o grande preconceito nítido promovido pelos brancos contra os negros. Diante de tantos acontecimentos na cidade, o advogado Atticus, pai das crianças, tenta viver de modo pacífico; preservando seu caráter e ensinando aos filhos, de modo simples, como viver e entender os aspectos sociais nos anos de 1930. Como podemos observar abaixo:

Figura 1: Atticus conversando com seus filhos



Fonte: Printscreens do filme

Na imagem podemos observar a preocupação e o cuidado que Atticus tem com os filhos. Esta característica será decisiva durante o desenvolvimento da narrativa, pois observaremos que, mesmo em meio a uma sociedade doente e marcada por atitudes preconceituosas, as crianças serão os agentes que representarão a necessidade de uma sociedade igualitária e que o preconceito é um construto social utilizado para subjugar quem não se enquadre no padrão imposto por uma sociedade.

O filme também é composto por alguns personagens complementares muito importantes. Na trama conhecemos praticamente todo o condado de Maycomb: os

vizinhos; o xerife Hack Tate; as crianças da escola; as famílias racistas; Tom Robinson, o réu negro em julgamento; Bob Ewell, o homem que acusa Tom Robinson de estupro e tenta ferir os irmãos Fich; Mayella Ewell, filha de Bob Ewell que acusou Tom de estuprá-la, entre outros personagens.

Scout nos apresenta a preocupação do pai Atticus sobre um fato que marcou a cidade; ele foi convidado por um amigo em defesa de um homem preto, Tom Robinson casado com Helem Robinson, acusado de estuprar uma garota branca conhecida por Mayella Ewell.

Atticus acolheu o caso em defesa do negro, dizendo que faria a sua função como um advogado e também faria o possível para absolver o suposto réu, indo contra as pessoas daquela cidade. Este fato gerou uma revolta muito grande na família dos brancos Ewell. A partir daí Bob Ewell, o pai da moça do aparente estupro, começa a perseguir o advogado ameaçando com várias acusações por ser defensor e amigo dos negros, dizendo que ele também possuía uma família e que deveria acreditar na versão dele por possuir ser de cor branca.

Observamos como o preconceito está arraigado na sociedade, em que as pessoas, por terem a cor da pele branca, se acham no direito de ameaçar, amedrontar e acusar o outro por lhe ser diferente. O filme representa e, ao mesmo tempo, denuncia a sociedade norte-americana que se apresenta como um modelo ideal de sociedade, mas, na verdade, é exemplo de discriminação, perseguição e divisão da sociedade ao marginalizar e segregar os cidadãos negros.

Em umas das cenas de ameaças do filme, Bob Ewell surpreende os telespectadores em uma situação em que ele está muito bêbado se aproxima do lado de fora do carro da família Fich, ameaçando a Jem, filho do advogado causando o medo e preocupação nas crianças, depois da cena o personagem Atticus que é advogado e pai, conversa com os filhos e em particular pronunciando a seguinte frase: “Há muita coisa feia neste mundo, queria poder mantê-las longe de você. Nunca é possível” (O SOL É PARA TODOS, 1963).

Esta fala demonstra a preocupação de Atticus por seus filhos está vivenciando momentos no qual eles poderiam não passar, mas que era inevitável. A trama faz com que Scout e Jem ao poucos e de forma gradativa conheça a maldade, violência e o próprio preconceito das pessoas da cidade. Os dois também sofrem em algumas cenas momentos de perseguição no ambiente escolar por seus colegas de classe,

Scout já estava um pouco madura, mas ainda imatura para entender certas coisas, sofria mais em defesa do pai Atticus.

Em outro momento, a pequena Scout diz ao pai que um amigo conhecido por Cecil Jacobs falou para todos no pátio da escola ouvir que o pai dela defendia pretos, ela tão inocente pergunta ao pai o que ele quis dizer com isso e se ele realmente defendia pretos, ele respondeu claramente que sim, mas que era rude chamar alguém de preto, e que a partir daquele momento não o chamasse mais assim.

Com essa fala de Atticus, percebemos a importância e o cuidado do pai em educar seus filhos e mostrar a outra face da moeda com seus ensinamentos; de como é importante viver em uma sociedade, mas sem seguir os padrões impostos por ela, mostrando-se ser um homem que enfrenta os preconceitos do seu tempo, quebra os paradigmas sociais, disposto a conhecer antes de tomar qualquer decisão. Atticus tenta a todo momento, através das situações que a família enfrenta, mostrar valores e de como os filhos deveriam se comportar diante dessa repressão sofrida e prepara-los para certos acontecimento, certa vez ele disse a seguinte frase a pequena Scout: “Provavelmente você vai ouvir coisas horríveis sobre isso na escola, então me faça o favor: levante a cabeça e abaixe os punhos. Não importa o que digam, não deixem que eles a façam perder o controle. Tente lutar com as ideias, para variar...mesmo que seja difícil” (O SOL É PARA TODOS, 1963).

Na trama, várias expressões lindas e de sabedoria são ditas por Atticus a sua filha como uma forma didática e sabiamente de educá-la, outra que enriquece o roteiro e também nos faz uma reflexão de saber entender o que outro passa, ele argumenta: “Você nunca realmente entende as pessoas até ver as coisas do ponto de vista dela. Até estar na pele dela e sentir o que sente” (O SOL É PARA TODOS, 1963).

Figura 2: Momento em que Scout sofre perseguição no pátio da escola



Fonte: Printscreen do filme

O tempo foi passando e o verão chegando, Scout já esta com nove anos e seu irmão com doze, eles começam a refletir e entender melhor o mundo a sua volta. Com a chegada da nova estação aproximava o dia do julgamento de Tom Robinson, as pessoas da cidade estavam agitadas e curiosas para saber o final daquele caso tão bárbaro que marcou a cidade.

Em um dia antes ao julgamento, Atticus é procurado em sua residência por um homem, dizendo que o seu cliente negro estava correndo perigo e que havia escutado rumores na cidade de alguns homens brancos querendo fazer justiça com as próprias mãos; o advogado então deixa as crianças em casa com a cuidadora e vai fazer segurança para Tom Robinson. As crianças escutam a conversa e ficam preocupadas, curiosas em saber o que aconteceria.

Então saíram de casa escondidos, chegando ao local se deparam com Atticus tentando impedir que algo trágico acontecesse: os homens desceram dos carros e diziam do lado de fora insultos racistas ao acusado, mas Atticus não estava permitindo, tentando apaziguar o ocorrido. Scoutt, Jem e o amigo Dill aparecem no local e a menina ao ver um deles lembrou que ele tinha dividas com o seu pai e tem uma conversa amigável com ele, com as palavras gentis, o homem se envergonha e manda que todos os outros fossem embora, deixando também o local.

Figura 3: Scoutt conversando com um dos líderes fora da delegacia.



Fonte: Printscreen do filme

Vemos que Scoutt é a representação da voz dos excluídos. Assim como os negros, ela também não tem o direito de falar por ser uma criança, além disso, do gênero feminino³. Contudo, ela se constitui como uma voz transgressora e que se faz ouvida, o que nos aponta o desvozeamento do negro em uma sociedade preconceituosa – tão preconceituosa que uma menina pode falar e ser ouvida, mas um homem negro não.

No dia do julgamento, na sala do tribunal as arquibancadas eram divididas em duas partes: brancos sentavam em baixo, próximos aos advogados; e no andar de cima do local os negro separado de todos. Apenas Jem, Scout e Dill como crianças resolvem se fazer presentes para assistir dividindo os lugares com os negros que se faziam presentes, mostrando a assim, a sensibilidade, a inocência e o olhar de uma criança que não ver a cor da pele como um problema para compartilhar nada.

³ É importante ressaltar o gênero, pois historicamente a mulher também foi/é desvozeada.

Figura 4: Representação das crianças dividindo os lugares com pessoas negras



Fonte: Printscreens do filme

No momento, três testemunhas brancas foram chamadas a depor, o delegado da cidade Sr. Tate, Sr. Ewell, pai da suposta vítima e em seguida foi a vítima, Mayella Ewell. Por fim, o negro acusado Tom Robinson teve a oportunidade de se defender e falar a sua versão sobre o que realmente aconteceu.

O Sr. Tate em depoimento falou que na noite de vinte e um de Novembro ele estava saindo do trabalho quando o Sr. Ewell o parou, ele estava nervoso e disse para ir com ele até a sua residência, pois sua filha Mayella Ewell tinha sido atacada e violentada por um Preto. O advogado Atticus perguntou se ele tinha chamado um médico, o Sr. Tate disse que não era necessário..

O Juiz convidou a segunda pessoa a testemunhar, o Sr. Ewell, ele argumentou que naquele dia foi buscar lenha e quando voltava do bosque, ouviu os gritos da filha, quando se aproximou viu aquele crioulo se referindo a Tom Robinson, em cima da minha Mayelle.

Agora era a vez de a vítima ser interrogada, Mayella Ewell levantando as mãos e afirmou falar somente a verdade, parecendo uma moça boa e temente a Deus, também era forte, pois fazia trabalhos pesados em casa ajudando o pai. O Juiz Taylor perguntou onde ela estava naquele dia vinte e um de novembro, ficou

calada. Então o Juiz fez a mesma pergunta e ela respondeu dizendo que estava em sua casa e começou a chorar.

Depois de um tempo ela relatou que estava na varanda e convidou o preto Tom Robinson para ajuda- lá a cortar lenhas, ele entrou no quintal e quando percebeu Tom estava lhe atacando, Mayella tentou fugir, mas disse que ele a bateu com força chagando a desmaiar. Diante de várias perguntas Atticus percebia que Mayella Ewell, demorava em esclarecer suas respostas era como se estivesse tentando esclarecer algo para ela mesma, dizendo que não lembrava mais de nada porque tudo aconteceu muito rápido.

Figura 5: A reação da vítima Mayella Ewell



Foto: Printscreen do filme

Nesta cena podemos perceber que Mayelle Ewell demonstra certa carência e o quanto quer ser percebida por alguém, encontra em Tom Robinson, o negro, uma pessoa atenciosa por lhe ajudar com afazeres em casa, pois se sentia só. Ela era órfã de mãe, era pobre e cuidava dos irmãos, o seu pai era violento e alcoólatra, e não ajudava em nada em casa.

Ela sabia que era contra lei casar ou namorar com alguém de cor por ela ser branca, e tentou seduzi-lo, sendo assim, quebrando um código antigo do Estado, tinha a convicção do erro, mas preferiu inventar uma calúnia para se defender tentando afastar as provas de suas falhas, uma mentira tão negra quanto o preconceito da sociedade.

Sendo assim, encontra em Tom Robinson – uma pessoa que é socialmente marginalizada, desvozeada, segregada e sem direitos – a oportunidade de suprir a

sua carência afetiva. Este fato demonstra a contínua subjugação do negro pelo branco, que é visto com alguém inferior e tratado como objeto. Este fato reforça a opressão sofrida e remonta ao período da colonização, quando a sociedade branca os tratava como menos do que animais. Destarte, observa-se que, mesmo com o passar do tempo, o negro continua sendo tratado como um subalterno devido a concepções eugênicas para a colonização, subjugação e espoliação das sociedades negras. Este fato é corroborado pelo pensamento de Ferreira (2009), pois “Os olhos do homem branco destroçam o corpo do homem negro e nesse ato de violência epistemológica seu próprio quadro de referência é transgredido, seu campo de visão perturbado” (BHABHA apud FERREIRA 2009, p.57)

A última pessoa a depor foi o acusado Tom Robinson, um homem casado, negro, pobre e, além disso, era deficiente de um braço, ele tinha uma mão atrofiada, pois quando menino imprensou um dos membros superiores numa máquina de algodão. Tom disse que passava em frente à casa dela todos os dias porque só havia aquele caminho para ele chegar ao campo e colher algodão.

Nesse dia Mayella pediu para que ele a ajudasse a cortar lenha, mas que não era a primeira vez a ajudar a moça porque ela sempre lhe pedia pequenos favores, era muito atarefada e também cuidava dos irmãos pequenos praticamente sozinha o pai nunca a ajudava em nada e bebia quase sempre. Em seguida falou que ao entrar Mayella estava estranha e não viu as crianças em casa depois ela pediu que ele pegasse algumas ferramentas em um armário e nesse momento Mayella disse: “Me beije preto” (O SOL É PARA TODOS, 1963).

Tom relatou que teve que empurrá-la, mas não queria agredi-la. O Sr. Ewell o pai dela chegou na hora e falou que iria mata-la. Porém não podia mais falar o que aconteceu depois porque saiu de lá correndo e fugiu.

Ele jamais queria machuca-la ou tocar em uma mulher branca, pois sabia o que aconteceria com ele depois. Mostrando ao público a sua incapacidade e sinceridade diante da situação.

Figura 6: Momento em que Tom Robinson o negro acusado vai depor.



Fonte: Printscreens do filme

O advogado Atticus fez de tudo para livrar Tom Robinson, mas ele foi considerado culpado em votação do júri popular a cadeira elétrica. Atticus ficou arrasado, seus filhos no momento sentiram a dor e ao mesmo tempo raiva com lágrimas nos olhos. Atticus tentou acalmá-los dizendo que iria entrar com recurso e que eles não ficassem preocupados.

Tom Robinson foi preso enquanto aguardava por mais uma defesa de Atticus seu advogado, ou por sua sentença de morte, depois de alguns dias de espera; Tom tentou fugir do presídio, pulando o muro em um momento de descuido dos guardas quando foi atingido por mais de 15 tiros que o levou a uma morte trágica.

Enfim, depois de todos esses acontecimentos Atticus e seus filhos são perseguidos pelo Sr Ewell, que tornou-se um inimigo do advogado pelo simples fato dele não acreditar em suas palavras e por defender negros. Em uma noite depois das crianças saírem da festa halloween, ainda no caminho de casa Scout e Jem são surpreendidos por Bob Ewell, que os atacam com uma arma branca, Scout conseguiu fugir, porém Jem tropeçou em algo e caiu, antes que acontecesse o pior Boo Radley, o homem que era acusado pela sociedade de distúrbios mentais teria saído de casa naquela mesma noite, e vendo o que estava acontecendo empurra uma faca de mesa no Sr. Ewell, salvando então a vida de Jem. Boo leva ele para casa, rapidamente Jem é atendido por um médico e o pai e Scout descobre que Boo

Radley matou o Sr, Ewell e que não foi proposital, Atticus e o delegado decidem não incriminá-lo, pois ele teria feito um ato de bondade para os seus filhos.

O filme traz uma grande lição ao final quando a pequena Scout, conversando com seu pai, esperando pela recuperação do irmão Jem, comenta algo belo, visto pelo olhar de uma criança: afirma que, assim como Tom Robinson o negro acusado e assassinado injustamente e Boo Radley discriminado pelos vizinhos, os dois eram pessoas boas, dignas e que a sociedade deveria olhar para as pessoas com um olhar mais humano e não ver os defeitos impostos pela sociedade tão preconceituosa; comparando, assim, os dois ao título do filme: “To Kill a Mockingbird” e os pássaros, pois eles só catam, constroem seus ninhos e não fazem mal a ninguém.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo principal ressaltar o processo histórico sobre o preconceito no final do século XIX nos Estados Unidos, baseado no filme *To Kill a Mockingbird* no Brasil com o título: *O Sol é Para Todos*, considerado um clássico e ao mesmo tempo atual apresentando uma realidade vivida na sociedade daquela época em um período em que o país passava por uma grande depressão. Evidenciando os temas preconceito racial e a aceitação de injustiças, visando assim, a compreensão da história em forma de análise abordada na cinematografia sendo realizada em pesquisas teóricas.

Este trabalho traz uma contribuição, a partir da leitura feita sobre o lugar do negro na sociedade estadunidense pelo filme analisado, para o campo acadêmico quanto para o ensino de uma segunda língua, especialmente a língua inglesa, pois trata de elementos culturais de uma determinada sociedade; além do fato de ser parte da luta/denúncia da perseguição e segregação sofrida pelos negros.

Ao término deste trabalho, chegamos à conclusão que é necessário/fundamental que exploremos as formas de materialização do discurso, seja por meio do cinema, da literatura ou outro meio, para denunciar a histórica subjugação e o desvozeamento dos negros em nossa sociedade com a finalidade de diminuir os hiatos que existem no tocante ao lugar do negro e do branco nas sociedades.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Geniane Diamante Ferreira. *Resistência, Subjetividade e Indentidade do sujeito negro em Crossing the River (1993), de Caryl Philips*. 2009, 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá - PR.

FERREIRA, Geniane Diamante Ferreira. *Resistência, Subjetividade e Indentidade do sujeito negro em Crossing the River (1993), de Caryl Philips*. 2009, 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá - PR.

FEITOSA, Michele Marques; SIQUEIRA, Kárpio Márcio. O Negro na Literautra Inglesa - A identidade de Otelo representada em Shakespeare. *Revista Rios Eletrônica da Faculdade Sete de Setembro - FASETE, Paulo Afonso - Bahia*, p. 20 - 31, 01 dez. 2014.

“O Sol É Para Todos”, o clássico de Harper Lee. Disponível em: <pausaparaumcafe.com.br/o-sol-e-para-todos-o-classico-de-harper-lee/>. Acesso em: 01/10/ 2019.

MACÊDO, Maurides; PAN, M.; ADORNO, R.. Direito de igualdade racial e as ações afirmativas no Brasil e Estados Unidos: diferentes impactos (The right to racial equality and affirmative action in Brazil and in the USA: different impacts Derechos a la igualdad racial y las acciones afirmativas en Brasil y en los Estados Unidos: diferentes impactos). *REVISTA BRASILEIRA DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO*, v. 28, p. 369-381. ISSN1678-X, 2012.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Ações afirmativas e diversidade etnico-racial. In: SALES, Augusto dos Santos. *Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas*. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

O SOL É PARA TODOS. Disponível em:

<https://www.amazon.com/gp/product/B002KDSBGA/ref=atv_feed_catalog?tag=rotte tomao_aiv_mv-20/>